



“O mundo da arte pode ser ou muito estúpido ou profundo”

FITEI “Quando estiver a voar, um de vocês vai-me atirar uma pedra, sem motivo”. Este é um dos últimos discursos de “La reunion”, obra que a encenadora chilena Trinidad Gonzalez estreou em Lisboa em 2012 e que dá agora mote a “Pájaro”, produção que hoje se apresenta, às 21.30 horas, no Teatro Rivoli, no Festival Internacional de Expressão Ibérica (FITEI). “Eu não gosto de fazer muitas coisas ao mesmo tempo, sou muito crítica, mas cada uma das minhas obras dá o mote para outra, como se estivessem todas encadeadas, ainda que os contextos sejam muito distintos”, revela a encenadora.

Essa crítica sobre o seu mundo levou-a a escrever sobre um grupo de humanistas e intelectuais. “O mundo da arte pode ser ou muito estúpido e superficial ou profundo e muito interessante. Na maioria das vezes encontra-se aí,

nesse limite entre uma coisa e outra”, analisa a encenadora.

Nesse núcleo de humanistas de Esquerda aparece um homem marginalizado. Como “um amigo do mesmo bairro que cresceu com eles e foi para a universidade, mas que agora ninguém vê e que resulta incómodo para todos, porque é um espelho deles”, contextualiza Trinidad Gonzalez.

“Pela sua personalidade reflexiva, mais lenta e sensível, ele opta por se afastar do mundo, do bombardeamento consumista, mas não é alguém totalmente desligado da sociedade, está nesse ponto”, conta. Esta adição resulta num violento confronto ideológico entre as personagens. “Em Portugal, o público capta perfeitamente a ironia e o sarcasmo, a forma como gosto de escrever”, conta Trinidad. “Pájaro” tem amanhã nova récita, às 19 horas.



CATARINA FERREIRA